



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

GUILHERME MENDES SINÉSIO

**ADOLESCÊNCIA, IDENTIDADE E AMIZADE: Uma análise do
personagem Charlie no Filme “*As vantagens de ser invisível*”**

MONTEIRO – PB

2015

GUILHERME MENDES SINÉSIO

**ADOLESCÊNCIA, IDENTIDADE E AMIZADE: Uma análise do
personagem Charlie no Filme “*As vantagens de ser invisível*”**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em
Letras – Língua Portuguesa da Universidade
Estadual da Paraíba, Campus VI, como requisito
parcial para obtenção do título de licenciado em
Letras.

Orientado pela Prof^a Ms. Joana Dar’k Costa,

MONTEIRO-PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S615a Sinésio, Guilherme Mendes.

Adolescência, identidade e amizade [manuscrito] : uma análise do personagem Charlie no filme "As vantagens de ser invisível" / Guilherme Mendes Sinésio. - 2015.
48 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em LETRAS - Língua Portuguesa) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2015.

"Orientação: Profa. Ma. Joana Dar'k Costa, Departamento de Letras".

1. Amizade na adolescência. 2. Fase da adolescência. 3. Amizade e Construção da identidade. I. Título.

21. ed. CDD 177.62

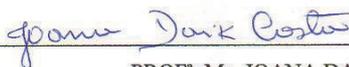
GUILHERME MENDES SINÉSIO

**ADOLESCÊNCIA, IDENTIDADE E AMIZADE: Uma análise do
personagem Charlie no Filme “As vantagens de ser invisível”**

Trabalho monográfico apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, Campus VI, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovada em 02 de DEZEMBRO de 2015.

COMISSÃO EXAMINADORA



PROF^a. Ms. JOANA DAR'K COSTA

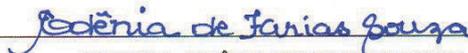
UEPB

ORIENTADORA



PROF^a. Dr^a. CRISTIANE AGNES STOLET CORREIA

UEPB



PROF^a Ms. EDÊNIA DE FARIAS SOUSA

UEPB

Minha família.
Meus amigos.
Todos os meus professores.
Os que me têm.

AGRADECIMENTOS

Mas principalmente, eu estava chorando, porque, de repente, tive consciência do fato de que eu estava de pé em um túnel, com o vento batendo no meu rosto. Não importava que eu visse a cidade. Nem mesmo que pensasse nisso. Porque eu estava de pé no túnel. E eu realmente estava ali. E foi o suficiente para que eu me sentisse infinito. (CHBOSKY. 2007, p. 223)

Agradecer: Demonstrar gratidão.

Sou grato. Sou grato por em 23 de janeiro de 1995 ter nascido, sou grato por em 1999 ter entrado pela primeira vez em uma sala de aula, sou grato por em 2008 concluir meu ensino fundamental, sou grato por em 2011 concluir meu ensino médio, sou grato por em 2012 adentrar na Universidade Estadual da Paraíba, sou grato por em 2015 concluir meu primeiro curso superior.

Sou grato por todos os professores das minhas salas de aulas, por todos os professores da minha vida, por todos os professores da minha família, por todos os professores que eu apelidei de amigos. Sou grato por aqueles que me esperavam em casa, por Neide Mendes Sinésio, por Silton Soares Sinésio, por Gleidson Mendes Sinésio, por Lutécia Rejane Sinésio Soares, sou grato mais ainda por Maria de Lourdes Soares Sinésio.

Sou grato por aqueles que iam juntando os meus passos, sou grato por Ellen Nathane Soares da Silva, minha irmã, uma das mulheres que mesmo sem fazer Letras, ou gostar de lecionar, tornou-se minha professora, que me ouviu e que se abriu comigo, a mulher que cresceu, a mulher que mostrou o valor de ser importante e de ter alguém importante, sou grato. Sou grato por Hortência Dias de Souza, por Fabiana de Siqueira Braz (vulga Faby GTF), por Anny Eloyse de Araújo Ferreira. Sou grato por todas as manhãs e toda a vida do lado delas.

Sou grato por ela que me suportou por mais de um único período, aliás, por três a mais do que devia, sou grato por Joana Dar'k Costa, a mulher que me ensinou que sorrir é sempre necessário, que me mostrou que eu realmente era importante, e que ficou surpresa quando descobriu que eu não era totalmente feito desses sorrisos. A mulher que briga quando precisa, mas que elogia quando é merecido. A mulher que chegou com um tal de Maslow, um tal de Freud, um tal de Piaget e Vygotsky, um tal de Erikson, e que me mostrou o caminho pelo qual eu deveria ir.

Sou grato por aqueles que me suportavam nas manhãs, sou grato por Luciana Fernandes Nery, sou grato por Josefa Adriana Gregório de Souza. Sou grato por aquelas

que não me suportaram pela manhã, mas em outros horários, sou grato por Cristiane Agnes Stolet Correia e Lucélia Alves Pereira, por terem me feito encontrar-se em relações rizomáticas, entendendo e possibilitando muito para este trabalho. Sou grato por todas vocês que me fizeram crescer e me tornar mais forte.

Sou grato por ter crescido tanto em um curto espaço de tempo, também por não ter crescido tanto. Sou grato por tudo que aprendi e que vou levar para minha vida. Por todas as pessoas que conheci, por todas aquelas que só me falavam um “oi” e até pelas que não conheci, vocês me mostraram que ainda existe muito no mundo para ser explorado, muito para ser descoberto.

Sou grato por tudo e por todos. Que me fizeram, me fazem, e me farão especial.

Sou grato por estar aqui. Sou grato porque eu estava ali. E isso era o suficiente para que eu me sentisse infinito e grato.

Guilherme Mendes Sinésio

“Realmente, a amizade não é outra coisa senão um acordo benevolente e afetuoso de todas as coisas divinas e humanas. Em razão disso, desconheço se, com exceção da sabedoria, algo de melhor tenha sido dado pelos deuses imortais ao homem”.

Cícero

RESUMO

O presente estudo pretende analisar a importância da amizade na construção da identidade do personagem adolescente Charlie, do filme *As vantagens de ser invisível*. Para alguns teóricos da Psicologia do desenvolvimento a adolescência é uma fase que se diferencia da infância e da fase adulta porque apresenta características específicas que vão além da idade cronológica e mudanças biológicas. Os adolescentes têm desejos, motivações, dificuldades, valores, expectativas futuras, sonhos fantasias, medos que em geral estão relacionados ao futuro, a profissão, a família, estudos. Nossa pretensão é destacar, a partir do personagem Charlie, como a amizade contribui para que o adolescente se encontre socialmente e consigo mesmo, construindo assim, sua identidade, afirmando seu modo de ser. Como aportes teóricos optamos por autores que abordam teoricamente acerca da fase da adolescência: Bock et al (2008), Oliva (2004), Cícero (2006), Papalia e Olds (2000) e focaremos de forma mais específica na abordagem de Erik H. Erikson (1987), especificamente na noção do conflito Identidade *versus* Confusão de Identidade, vivenciado na adolescência. Por fim, também atravessa nossas análises a noção de *relações rizomáticas* (DELEUZE E GUATARRI, 1997) para melhor compreendermos como se desenvolvem as relações de amizade na vida dos jovens, e como elas favoreceram, no caso de Charlie, a construção identitária, abrindo caminho para a produção de outras possibilidades de existência.

Palavras-Chaves: Amizade; Adolescência; Identidade.

ABSTRACT

This study aims to analyze the importance of friendship in the building of adolescent character Charlie, the film *The advantages of being invisible*. For some theorists of Developmental Psychology adolescence is a phase that differs from childhood and adulthood because it has specific features that go beyond chronological age and biological changes. Teenagers have desires, motivations, problems, values, expectations, future, dreams, fantasies, fears that in general are related to future, profession, family studies. Our intention is to highlight, from the Charlie character, like friendship helps the teen meet socially and himself, building thus their identity, affirming their way of being. As theoretical contributions opted for authors who discuss theoretically about the adolescence phase: Bock et al (2008), Oliva (2004), Cicero (2006), Papalia and Olds (2000) and will focus in a more specific the approach of Erik H. Erikson (1987), specifically the notion of conflict Identity *versus* Identity Confusion, experienced in adolescence. Finally, we go through our analysis the notion of *rhizomatic relations* (Deleuze and Guattari, 1997) to better understand how to develop friendly relations in the lives of young people, and how they favored in the case of Charlie, the identity construction, paving the way for the production of existence of other possibilities.

Key-Words: Friendship; Adolescence; Identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	
11	
I – A PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E A ADOLESCÊNCIA: A BUSCA POR UMA IDENTIDADE	
13	
1.1. A psicologia e a Subjetividade	
14	
1.2. O desenvolvimento Humano: a fase da adolescência	
15	
1.3. Identidade <i>versus</i> Confusão de Identidade	
18	
1.4. O Adolescente e a Família: afetos e conflitos	
22	
1.5. As Relações de Amizade na Adolescência	
25	
II – CHARLIE E AS VANTAGENS DE SER INVISÍVEL	
29	
2.1. Breve história do surgimento do cinema	
30	
2.2. O cinema vai à sala de aula	
31	
2.3. Considerações sobre o filme <i>As vantagens de ser invisível</i>	
32	
2.4. O papel dos amigos na construção da identidade	
34	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
46	

REFERÊNCIAS	47
--------------------------	----

INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende analisar a importância da amizade na construção da identidade do personagem adolescente Charlie, do filme *As vantagens de ser invisível*. O interesse por essa temática surgiu após assistirmos ao filme *As vantagens de ser invisível* sob o olhar da Psicologia do Desenvolvimento. No filme, o personagem enfrenta conflitos psíquicos que o impulsiona a iniciar uma nova busca pela identidade, assim, entenderemos aqui o papel que uma amizade tem na vida de um ser humano, tanto adolescente, quanto em qualquer momento da vida, ressaltando as complicações, os conflitos, e como se desenvolve e se constrói a identidade.

Abordaremos as concepções teóricas expostas pelo Psicanalista Erik Erikson (1987) de confusão e construção de Identidade, assim como de que forma as relações de iguais (entre amigos) aparecem na busca e construção da identidade. Analisando a identidade do jovem Charlie no filme, percebemos que é nos seus diversos conflitos que ele vai se construindo, e isso muitas vezes se desenvolve de forma complicada porque no caso dele, as experiências negativas ocorridas anteriormente, apresentam-se como estímulos negativos produzindo uma queda na autoestima do personagem e alterando sua maneira de se relacionar consigo mesmo e com o mundo.

É nesse momento conturbado em que Charlie se sente confortável em ser “invisível” ao optar por viver na solidão, que a amizade surge e ele atravessa um novo ciclo de vida. Charlie parece passar a gostar de viver, tornando-se mais aberto a novas experiências, desenvolvendo autoconfiança, melhorando a autoestima e se permitindo amar. Para o filósofo Cícero (2006. p.18), “viver em clima de amizade é prelibar o encanto da vida futura junto aos deuses”, para Charlie, a amizade vai ser a porta que se abrirá para um novo mundo, o trampolim que o jogará ao alto, ao infinito.

Desenvolvemos nosso trabalho em dois capítulos. No primeiro capítulo temos uma apresentação dos teóricos da Psicologia do Desenvolvimento que retratam a fase da adolescência: Bock et al (2008), Oliva (2004), Cícero (2006), Papalia e Olds (2000) e Erik H. Erikson (1987). Abordamos teoricamente aspectos importantes dessa fase como: a presença do adolescente na família, na escola, os conflitos de identidade, e por fim como o adolescente desenvolve suas relações de amizade.

Já no segundo capítulo abordamos inicialmente sobre o surgimento do cinema e sua importância como sétima arte. Destacamos a importância da utilização de filmes cinematográficos em sala de aula, como eles podem ser usados e como os professores

adotam essa ideia. Em seguida, tecemos algumas considerações sobre o filme *As vantagens de ser invisível*: atores, produção, direção, entre outras informações que se fazem pertinentes para compreensão desse estudo. Neste mesmo capítulo, temos à análise do filme a partir de algumas cenas escolhidas, destacando aquelas em que observamos o processo de construção da identidade do jovem Charlie e como as amizades dos amigos Sam e Patrick contribuem na formação de uma nova subjetividade. Na adolescência toda experiência parece ser válida para o crescimento e amadurecimento do jovem. As experiências positivas e negativas influenciarão na construção de sua identidade. Para isso, o jovem que está inserido em espaços diferenciados com relações diferenciadas tem que se desdobrar para conquistar seu espaço de forma concreta. Escola, família, amigos, vão fazer com que o jovem compreenda e encaixe-se de forma universal na vida em sociedade. Mas será que esse “encaixe” se faz de forma simples? Como e quais serão os conflitos desse adolescente?

CAPÍTULO I
A PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E A ADOLESCÊNCIA:
A BUSCA POR UMA IDENTIDADE

1.1. A Psicologia e a Subjetividade

A Psicologia é uma ciência que se caracteriza por apresentar uma diversidade de áreas de pesquisa, de forma que dependendo da concepção de ser humano adotada teoricamente, teremos um objeto de estudo da psicologia que se adapte a ela. Essa situação leva alguns autores a questionar a caracterização da psicologia como ciência, postulando que no momento não existe uma Psicologia, mas ciências psicológicas embrionárias em desenvolvimento.

A teoria behaviorista defende, com base em suas elaborações teóricas que o objeto de estudo da Psicologia deve ser o comportamento humano, que se pauta na relação do ser com o meio no qual ele está inserido, levando em consideração a produção e o produto desta interação (BOCK *et al.* 2008, p. 58). Por outro lado, numa outra perspectiva focada no estudo do aparelho mental, a Psicanálise defende o inconsciente como foco principal de compreensão do universo psíquico do ser humano. Já para a abordagem humanista-existencial, as experiências e vivências dos indivíduos devem nortear os estudos da Psicologia. Neste sentido, podemos perceber uma diversidade de objetos de estudo da Psicologia, a esse respeito Bock et al (2009, p.21) nos diz que

a Psicologia jamais terá um único paradigma confiável que possa ser adotado por todos sem questionamentos (ao menos por um dado período). Isso porque a Psicologia é uma ciência humana, e as ciências humanas são caracterizadas pela contaminação que sofrem por estudar o que estudam: o próprio ser humano.

Dentro de uma visão bastante ampla e que de certa forma contempla a maioria das correntes teóricas, há autores que defendem que a psicologia colabora com o estudo da subjetividade, é essa sua forma particular, específica de contribuição para compreensão da totalidade da vida humana. Para Bock a temática da subjetividade no âmbito da Psicologia parece ser uma das possibilidades de se estudar o ser humano em todas as suas dimensões. Definindo a subjetividade como modos de pensar, sentir, perceber e agir no mundo, a autora nos diz que a subjetividade vai observar o ser humano em todas suas dimensões, nos níveis do comportamento (expressões visíveis), nos sentimentos (expressões), nas características individuais de cada um (expressões singulares) e nas características comuns de todos os seres (expressões genéricas) (BOCK. *et al.* 2009, p. 22).

A produção de subjetividades ocorre a partir relações que os indivíduos estabelecem com os diversos dispositivos sociais: família, escola, igrejas, trabalho,

meios de comunicação dentre outros. Nos espaços coletivos vão se produzindo modos de ser e de viver que caracterizam as subjetividades. Os indivíduos apropriam-se do mundo social e cultural. E fazem isso ao mesmo tempo que atuam sobre o mundo. É um ser ativo na sua construção. Criando e transformando o mundo, o homem constrói e transforma a si próprio (BOCK et al, 2009).

A subjetividade é a síntese singular e individual que cada um de nós vai constituindo conforme vamos nos desenvolvendo e vivenciando as experiências da vida social e cultural; é uma síntese que nos identifica, de um lado, por ser único e nos iguala, de outro lado, na medida em que os elementos que constituem a subjetividade são experienciados no campo comum da objetividade.

Seguindo a linha da subjetividade, temos na Psicologia uma área específica que estuda o desenvolvimento do ser humano nas dimensões: físico-motora, afetivo-emocional, mental e social. Essa área é denominada de Psicologia do Desenvolvimento e estuda o desenvolvimento do ser humano, desde o nascimento até a idade adulta.

1.2. O Desenvolvimento Humano: a fase da adolescência

A Psicologia do Desenvolvimento aborda quatro fatores que vão influenciar no ser humano, sendo eles a hereditariedade, o crescimento orgânico, a maturação neurofisiológica e o meio. A hereditariedade está relacionada às questões da genética. O crescimento orgânico enfoca o desenvolvimento físico do corpo. A maturação neurofisiológica diz respeito ao desenvolvimento neurológico para a execução de determinadas atividades. E por fim, temos o meio, que é considerado de grande importância tendo em vista que vai influenciar de forma significativa na formação subjetiva do ser humano.

Papalia e Olds (2000, p. 26) ao abordarem o desenvolvimento humano, classificaram em oito períodos específicos: (1) pré-natal, (2) primeira infância, (3) segunda infância, (4) terceira infância, (5) adolescência, (6) o jovem-adulto, (7) meia-idade e (8) terceira idade. Embora todas as fases sejam importantes de serem apresentadas, iremos abordar teoricamente apenas a fase da adolescência, por se tratar do nosso objeto de estudo.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (1999) e autores como José Ottini Outeiral (1994), a adolescência inicia-se aos 10 anos e termina no seu tardar aos 20 anos

de idade, e esse período ainda pode ser dividido em três fases, a adolescência inicial (10 aos 13 anos) que caracterizaria o período das mudanças físicas iniciais no corpo da criança; a média ou intermediária (14 aos 17 anos) ligada totalmente ao aspecto sexual, envolvendo o físico e o psicológico; e a tardia ou final (18 aos 20 anos) que comporta vários fatores dentre eles a escolha da vida profissional, a aceitação do seu novo corpo e o surgimento das responsabilidades presentes na vida adulta.

Jesús Palacios e Alfredo Oliva (2004, p. 309) mostram que “por adolescência costumamos entender a etapa que se estende, a *grosso modo*, desde os 12 ou 13 anos até aproximadamente os 20 anos de idade”. Porém essa informação não deve ser tomada como regra, pois é a partir do desenvolvimento individual de cada um que a etapa adolescência advirá. Como vimos, há dificuldade de se estabelecer um critério cronológico ou de aquisição de determinadas habilidades que defina a adolescência.

Pelo fato de o adolescente ter de conciliar as mudanças físicas do seu corpo presentes na puberdade com os conflitos psicossociais, essa fase pode se tornar um pouco complicada. Muitas são as confusões com os termos *adolescência* e *puberdade*, pois a maioria das pessoas compreendem as duas palavras como tendo o mesmo significado. Porém, o termo puberdade está totalmente ligado ao físico, às transformações corpóreas, à preparação do corpo para o ato da reprodução, tornando-se assim, algo universal de todo ser humano. Já a adolescência vai se remeter aos aspectos psicológicos e socioculturais do ser humano.

Por ser um fato psicossociológico, a adolescência não é vivenciada da mesma forma nas diversas culturas, e portanto, não se adota o mesmo padrão de características adotadas na cultura ocidental. Na nossa cultura houve também uma importante variação histórica que, ao longo de nosso século, foi configurando a adolescência (BOCK et al, 2009).

É uma fase que se diferencia da infância e da fase adulta porque apresenta características específicas que vão além da idade cronológica e mudanças biológicas. Os adolescentes têm desejos, motivações, dificuldades, valores, expectativas futuras, sonhos fantasias e medos. Medos que geralmente estão relacionados ao futuro, à profissão, à família etc.

Segundo Bock, a adolescência não é uma fase natural do desenvolvimento humano, mas um derivado da estrutura socioeconômica. Os critérios para definir essa etapa não fazem parte da constituição do indivíduo, mas são construídos pela cultura,

isso porque quando uma determinada sociedade exige dos seus membros uma longa preparação para entrar no mundo adulto teremos a fase da adolescência.

O adolescente só se torna adulto quando entende suas responsabilidades e assume o papel como ser humano ativo em uma sociedade. Ele então “cresce” e se reconhece, mas antes desse reconhecimento muitos conflitos são presenciados e vividos por esse adolescente. Muitos problemas ainda são enfrentados e muitos deles são resolvidos, outros nem tanto.

É o que Erikson chama de *moratória social*, isso porque o adolescente não é mais criança, porém, não tem as mesmas responsabilidades e conflitos de um adulto. Portanto, podemos dizer que a adolescência seria como um ensaio para a vida adulta. Patrícia Gouveia Ferraz e Cezar Kozak Simaan (2013, p. 37) explicam em um artigo, a adolescência da seguinte forma:

Adolescência: do latim “ad-olescere” ou “crescer para”. Crescer da infância para a fase adulta. Passagem em que há crescimento, mas em um sentido amplo não só restrito ao plano físico. Há desenvolvimento, transformação. O indivíduo adulto vai se formando por meio de mudanças físicas e psicossociais.

O Psicanalista Erik H. Erikson é um dos teóricos em destaque no estudo do desenvolvimento humano, especificamente a adolescência. Segundo ele, “tudo que cresce tem um plano básico, e desse plano básico surgem as partes, cada parte tendo seu momento de ascendência especial, até que todas elas tenham surgido para formar o todo que funciona” (ERIKSON, 1968 *apud* HALL, LINDZEY e CAMPBELL, 2000, p. 168).

Erikson vai classificar o desenvolvimento do ser humano em oito estágios sendo eles: I Período do bebê, II Infância Inicial, III Idade do brincar, IV Idade escolar, V Adolescência, VI Idade adulta jovem, VII Idade adulta, e VIII. Velhice. Para ele, cada estágio da vida tem um conflito próprio. Erikson apresenta como conflitos principais de cada fase da vida, respectivamente, a confiança básica *versus* desconfiança básica, autonomia *versus* vergonha dúvida, iniciativa *versus* culpa, diligência *versus* inferioridade, identidade *versus* confusão de identidade, intimidade *versus* isolamento, generatividade *versus* estagnação e integridade *versus* desespero desgosto. É interessante notar que cada conflito se dá normalmente em cada estágio específico, mas isso não elimina a possibilidade de algum dos conflitos acontecerem em algum estágio diferente do mostrado, já que cada ser humano terá o seu nível e seu tempo de desenvolvimento.

Assim como Freud afirma que a infância é uma fase determinante na vida adulta, Erikson diz que cada estágio e cada conflito respectivo poderá ter um desfecho positivo ou desfecho negativo, influenciando na construção de um ego mais forte ou mais fragilizado. Então, os conflitos foram estruturados a partir do desenvolvimento dos diversos estágios da vida, ou seja, assim que determinado indivíduo atinge o final do conflito, ele terá uma posição diante de determinadas atitudes psicossociais relacionadas, e poderá então “avançar” para o novo estágio e conseqüentemente enfrentando um novo conflito.

Como vimos, Erikson apresenta oito estágios de desenvolvimento humano, mas no presente trabalho estaremos nos debruçando especificamente sobre o quinto estágio, ou seja, a adolescência, tendo em vista que no nosso estudo, estaremos enfocando os conflitos vivenciados por Charlie, o protagonista do filme “As vantagens de ser invisível”.

1.3. Identidade *versus* Confusão de Identidade

A adolescência é a fase mais complexa e difícil na vida de um ser humano, pois compreende a passagem da infância para a vida adulta, a busca pela autonomia, os variados conflitos sexuais, e muitos outros conflitos internos e externos que compreenderão: amizades, família, escola e outros aspectos relacionados ao meio em que o jovem está inserido.

A partir das leituras de textos nessa área, identificamos várias características típicas do comportamento adolescente, são elas: a insegurança, oposição, rebeldia, retraimento, originalidade, incoerência, instabilidade. Essas características estão associadas aos conflitos vivenciados no decorrer dessa fase e que se ramificam por várias áreas: física, emocional, sexual, vocacional, religiosa, intelectual, social, moral, familiar e escolar.

Para compreender os surgimentos de determinados comportamentos desajustados, não se pode desconsiderar que a adolescência é tanto uma experiência pessoal, como fenômeno cultural, e alguns fatores tanto individuais como sociais podem produzir obstáculos nas trajetórias de alguns adolescentes. Para alguns, esse momento é tortuoso e pode representar uma muralha inacessível por se tratar de adolescentes que não adquiriram nos anos anteriores as competências e as habilidades necessárias para poder enfrentar os desafios dessa etapa e realizar uma transição evolutiva tranquila.

Da mesma forma, em alguns contextos culturais, a forma como os fatos do cotidiano são apresentados para o adolescente tendem a não facilitar essa transição. Os conflitos dessa fase podem ser superados com mais facilidade quando os adolescentes têm uma boa educação na infância e contam com o apoio afetivo dos pais e educadores.

Para as pessoas do senso comum, a identidade está relacionada a um conjunto de ações e atividades que caracterizam uma pessoa. É então a partir dessa ideia que surgem os grupos sociais que dividem e marginalizam de alguma forma alguns cidadãos, criam-se grupos diversos baseados em características e gostos iguais que “obrigam” o indivíduo, aqui o adolescente, a adentrar e se delimitar naquele grupo. Indo além do senso comum, Carlos R. Brandão (1986 *apud* BOCK, 2008, p. 208), define identidade como

o sentimento pessoal e a consciência da posse de um eu, de uma realidade individual que torna cada um de nós um sujeito único diante de outros eus; e é, ao mesmo tempo, o reconhecimento individual dessa exclusividade: a consciência de minha continuidade em mim mesmo.

A noção de identidade usada pela Psicologia, mesmo enfocando as condições sociais do indivíduo, não se delimita apenas desse lado, envolve o interior do ser humano, enfocando a configuração de um eu com características e ações singulares que os diferenciam dos outros indivíduos.

Para o Psicólogo Erikson, o aspecto principal da adolescência é a busca da auto-identidade e de autoafirmação, ou seja, para o jovem essa busca da construção da autoimagem é uma questão necessária e angustiante. Para esse autor, a adolescência é considerada um período fundamental no desenvolvimento do Eu, já que as mudanças físicas, psíquicas e sociais levarão o adolescente a uma crise de identidade cuja resolução contribuirá para a consolidação da personalidade adulta.

Assim o conflito elaborado por Erikson que corresponde a adolescência é “identidade *versus* confusão de identidade”, que seria o momento em que o adolescente percorre um caminho buscando encontrar seu espaço na sociedade. As mudanças que ocorrem tanto no corpo como no campo emocional favorecerem uma reconstrução de novos valores. Os adolescentes passam a lutar por sua independência em relação ao pais, mas, ao mesmo tempo querem a proteção deles. Essas questões causam muitos conflitos no interior desse jovem porque:

Devido à difícil transição da infância à idade adulta, por um lado, à sensibilidade à mudança social e histórica, por outro, o adolescente, durante o estágio da formação de identidade, tende a sofrer mais profundamente do que

nunca em virtude da confusão de papéis, ou da *confusão de identidade*. [...] O adolescente sente que precisa tomar decisões importantes, mas é incapaz de fazer isso. (HALL. LINDZEY. CAMPBELL. 2000. p. 173)

Mesmo sabendo que terá que desenvolver determinadas atividades de inserção na vida adulta, muitas vezes o jovem se sente incapaz de executá-las, talvez por medo, insegurança, ignorância ou outros fatores ligados ao campo afetivo. Importante lembrar que esses conflitos internos levam o adolescente a tomar decisões difíceis e que podem mudar sua vida. Ele pode a partir dos conflitos, construir uma identidade negativa, com traços de caráter que complicam sua vida em sociedade. Por outro lado, ele também pode projetar essa identidade negativa nos seres humanos a sua volta, e isso é de total preocupação pois

tal projeção pode resultar em diversas patologias sociais, incluindo preconceito, crime e discriminação contra vários grupos de pessoas, mas também é uma parte importante da prontidão do adolescente para o envolvimento ideológico” (HALL. LINDZEY. CAMPBELL. 2000, p. 173).

Essas questões acima expostas levam-nos a crer que a adolescência seria a fase mais complicada da vida, e não entendamos assim, o peso que se encontra nas mentes dos jovens, e o conhecimento e a execução a partir unicamente da razão ou da emoção faz com que eles façam escolhas ruins que podem ter consequências indesejadas. Por exemplo, o jovem pode tomar uma decisão a partir apenas da emoção, sem haver um equilíbrio com sua razão, e essa atitude pode ter um resultado não tão satisfatório futuramente, isso é causado unicamente pela pressão psicológica existente na cabeça ainda “imatura” do adolescente.

Ele necessita apresentar uma imagem forte diante de todas as mudanças físicas, psicológicas e sociais, a partir disso constrói uma “identidade forte”, que será constituída do ego resultante dos conflitos anteriores. Agora pensemos a partir do termo *confusão de identidade*, *confusão* significa (i) ação ou resultado de confundir-se; (ii) mistura desordenada¹, enquanto *identidade* traz a significação de (iii) conjunto de características próprias de uma pessoa, [...] e que possibilitam a sua identificação ou reconhecimento¹. Ou seja, temos uma mistura desordenada, o ato de confundir-se em relação as variadas características que sirvam para identificação de um indivíduo. Pelo fato de necessitar de uma grande aceitação e de querer agradar todos à sua volta, o adolescente modifica suas atitudes, o que resulta assim, na sua confusão de identidade.

Erikson ressaltava essa questão na sua obra *Identidade: Juventude e crise* (1987, p. 129), vejamos:

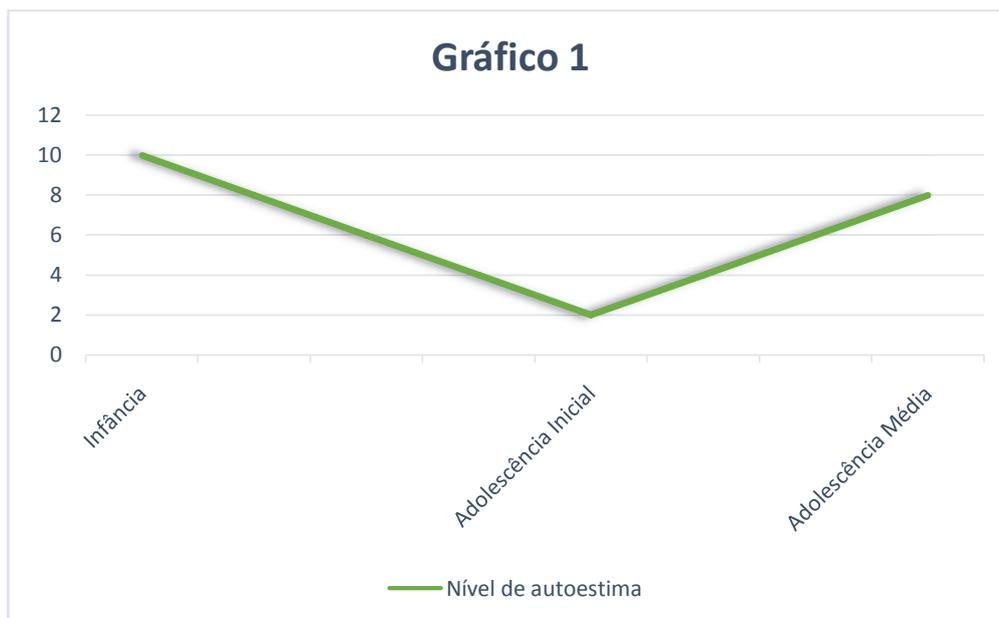
Se a fase mais antiga legou à crise de identidade uma importante necessidade de confiança em si e nos outros, então, claramente, o adolescente procura mais

¹ AULETE, Caldas. **Mini dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. Editor responsável: Paulo Geiger. Apresentação: Evanildo Bechara. – Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2004.

fervorosamente homens e ideias em que possa ter fé, o que também significa homens e ideias em cujo serviço pareça valer a pena provar que seria digno de confiança. [...] Ao mesmo tempo, porém, o adolescente receia um compromisso insensato, excessivamente confiante; e, paradoxalmente, expressará a sua necessidade de fé numa desconfiança sonora e cínica.

Muitas vezes, o adolescente se preocupa muito mais com o bem-estar, e a aceitação nas relações de amizades, que falaremos mais adiante, do que com o próprio bem-estar. Só ao atingir determinado nível de maturidade é que ele perceberá suas reais e necessárias atitudes, atitudes estas que agora serão raciocinadas com mais coerência.

Os conflitos vivenciados na fase da adolescência podem afetar de forma significativa a autoestima do adolescente. Para Oliva (2004) a queda na autoestima² é oriunda de desequilíbrios nas relações entre o adolescente e as pessoas que fazem parte do seu meio. Por exemplo, se determinado adolescente tiver uma “ênfase excessiva” e um “cuidado exagerado” na relação com os seus pais, isso poderá ter efeitos na sua relação com os amigos. Ao ser superprotegido, ele poderá isolar-se, e ter problemas de socialização e dificuldades de fazer amizades e contatos com colegas. Da mesma forma se o contrário ocorrer, daí os problemas agora serão relacionados ao seu convívio e indiferença dentro de sua própria casa, com seus pais. O nível de autoestima pode ser representado a partir do gráfico 1.



Outros fatores relacionados a uma baixa autoestima são: a permanência em um grupo social minoritário discriminado, as mudanças do seu corpo, a mudança escolar

² Segundo dados do *Informe Juventud em España*, 1996. (Martín e Velarde, 1996)

(transição do ensino fundamental para o médio), início das relações amorosas dentre outros.

Um outro aspecto conflitante nessa fase é a questão da sexualidade. Parece ser complicado para muitos adolescentes os primeiros passos em relação a vida afetiva e sexual. Com os hormônios em alta e certa dose de insegurança com relação a seu próprio corpo, eles estarão partindo para um mundo desconhecido, e como o novo muitas vezes pode parecer assustador, o receio e o medo ficam no controle de muitos dos jovens nesse início de etapa.

Furmam e Wehner (1994 *apud* OLIVA, A. 2004, p. 362) apresentam quatro necessidades presente nas relações iniciais dos adolescentes, são elas: necessidades sexuais, de afiliação, de afeição e de dar e receber apoio. Essas necessidades constituem uma pirâmide hierárquica de forma que base é ocupada na fase inicial aos 12 anos do jovem, pelas necessidades sexuais e de afiliação. Já por volta dos 15 ou 16 anos ele encontra-se no topo, compreendendo as necessidades de apoio, apego e segurança emocional. Essa fase fica mais restrita as questões ligadas a sexualidade e as mudanças típicas da puberdade. Ela é grande responsável pelos conflitos dos adolescentes já que a

partir das mudanças cruciais muitos problemas podem surgir como: a gravidez indesejada, a insatisfação sexual, conflitos acerca das primeiras relações sexuais, etc.

Para melhor situarmos a análise do personagem do filme que nos propomos nesse estudo, consideramos importante abordar a adolescência em relação a três grupos sociais que fazem parte da construção de sua identidade: a família, a escola e os amigos. Como os adolescentes conseguem se inserir em determinados grupo, como agem, como são observados, qual a importância desses grupos na sua composição identitária, essas são questões que nortearão nossas observações e análises do filme.

1.4.O Adolescente e a Família: afetos e conflitos

Ao se falar em família, Bock, Furtado e Teixeira (2008. p. 236) dirão que:

Até certo tempo atrás – não faz muito – o modelo de família consistia em pai-mãe-prole. Esse modelo de estrutura familiar era considerado ideal pelo modo dominante de pensar na sociedade e, por isso, bastante usado para classificar todos os outros como desestruturados, desorganizados e problemáticos. Nessa compreensão de família há, sem dúvida, um julgamento que não é científico, mas moralista, pois utiliza apenas um padrão como referência e considera os outros inadequados.

Não se pode pensar que alguma dessas organizações familiares é melhor que outra, devemos apenas entender que cada uma tem sua particularidade e se desenvolve da sua forma. E na maioria das vezes, em qualquer modalidade de família, existe a presença de um adolescente. Mas como se dá essa presença? Um dos maiores conflitos existentes na fase da adolescência é o que aparece na relação do jovem com os pais, ou pela necessidade de autonomia, ou qualquer outro fator quando o assunto é discussão entre pais e filhos.

Esta é a fase em que os adolescentes se sentem mais afirmativos, e como eles “ensaiam” para a vida adulta, querem administrar as tarefas da vida adulta: sair sem dizer para onde, chegar em casa na hora desejada, usar o que quiser usar, sair com quem quiser sair. Para eles, os pais não devem se inteirar dos acontecimentos, pois, segundo esses adolescentes, isso “não tem nada a ver com eles”. É importante observar que, assim como a maioria dos conflitos adolescentes, os conflitos com a família são mais restritamente vivenciados na etapa conhecida como adolescência inicial.

Laursen, Coy e Collins (1996 *apud* OLIVA, 2004, p. 351) ressaltam que “[...] a puberdade coincide com o momento de maior conflito, e, ao longo da adolescência, o número de conflitos entre pais e filhos tende a diminuir, ao mesmo tempo em que aumenta a intensidade afetiva com a qual o adolescente experimenta esses problemas.”

Conforme os conflitos vão diminuindo os laços afetivos vão se tornando mais fortalecidos. Parece que o fato de o sujeito passar da fase da adolescência inicial para a adolescência média e depois adolescência final faz com que ele amadureça suas ideias e atitudes em relação às variadas propostas da vivência no meio.

É fato que os conflitos sempre estarão presentes, porém, o que vai modificar são as causas desses conflitos. Imaginemos um jovem de 13 anos que estuda pela manhã, à tarde vai à casa de um amigo fazer algum trabalho da escola, e à noite tem uma festa de aniversário de outro amigo de turma. Esse adolescente passa mais tempo do seu dia com os amigos do que com os integrantes da família, e por ter, com esses amigos, uma relação de iguais, ou seja, sem nenhum nível de autoridade de nenhuma das partes, ele tende a transportar essa horizontalidade relacional para dentro de casa, querendo que seus pais o tratem como igual e que lá exista uma “democracia” em relação às decisões tomadas.

Mas aí está o problema, muitos pais, principalmente os criados em famílias tradicionais, não compreendem seu filho como igual, e de maneira alguma aceitam a influência desse filho na tomada de decisões. Surge, então, o conflito familiar mais comum na nossa cultura: um jovem que necessita e luta por independência, mas seus pais não concedem. É possível compreendermos que é no âmbito familiar que o jovem tem as maiores influências na construção de sua subjetividade. Alfredo Oliva (2004, p. 354) vai citar Silverberg e Gondoli (1996) sobre esse assunto:

[...] quando o meio familiar é mais favorável, traduz-se em uma série de consequências positivas, como uma boa atitude e bons rendimentos acadêmicos, uma elevada autoestima e uma identidade mais estabelecida, ainda que também possam surgir alguns problemas de conduta.

É pertinente a observação no que diz respeito aos resultados das relações familiares e como elas influenciam em outros níveis de socialização do adolescente, como na escola. Num ambiente familiar desfavorável, há uma probabilidade de o jovem ter uma queda no seu desempenho: as notas caem e o rendimento também, o jovem se

sente desmotivado a fazer as atividades propostas, ele não se importa com faltar as aulas, e até com o abandono da escola.

Importante observar que os conflitos presentes na fase da adolescência inicial ocorrem no período de transição entre o ensino fundamental e o médio. Mas isso teria alguma influência nessas crises vivenciadas pelo adolescente? Sim, muitos pesquisadores vão determinar essa transição como a maior culpada pelos problemas vividos pelos aluno-adolescente, pois enquanto ele está no último ano do ensino fundamental, ele se sente seguro e avançado em relação aos mais novos e “inferiores”. Já quando ele passa para o ensino médio entrará como novato e consequentemente considerando “inferior” aos outros alunos mais avançados.

Alguns outros fatores influenciam nessa entrada conturbada no ensino médio como o fato de nesse nível médio, o currículo modificar-se, e o aluno ter uma menor habituação no espaço, e como e quais atividades serão executadas, muito parecido esse fator com os relacionados ao adolescente na família.

Esses são fatores que podem repercutir de maneira negativa para o adolescente fazendo com que ele se desinteresse das atividades escolares como também levar até ao desligamento dessas atividades causando a desistência desse jovem. Mas deve ser sempre lembrado que cada um terá seu próprio desenvolvimento e nem todos terão estes problemas nesse período de conhecimento, muitos outros alunos podem ter uma experiência totalmente agradável e engrandecedora, e isso só será possível a partir de estímulos que esse adolescente já recebeu anteriormente e que podem envolver as relações familiares, a autoestima, bom nível de aceitação consigo mesmo, a motivação para aprender e a escola em que está inserido.

Sabendo também que a forma como enfrenta os conflitos terá influência negativa e/ou positiva na construção de sua identidade, o adolescente tem que trabalhar sua autonomia para analisar o que realmente é proveitoso para ele e para seu próprio futuro. Não se pode absorver tudo como uma esponja, tem-se que haver uma filtragem, sem ela, o jovem terá problemas posteriores na sua formação e que repercutirão por toda sua vida.

1.5. As Relações de Amizade na Adolescência

As relações do adolescente com seus grupos de amizade, também chamados de grupos de iguais (OLIVA, 2004), são caracterizadas por se dar de forma horizontal e expansiva, e não de forma vertical e hierárquica. Neste sentido, podemos pensar de forma metafórica que são relações rizomáticas. Entendamos então, o termo *rizoma*:

Em botânica, chama-se rizoma a um tipo de caule que algumas plantas verdes possuem, que cresce horizontalmente, muitas vezes subterrâneo, mas podendo também ter porções aéreas. O caule do lírio e da bananeira são totalmente subterrâneos, mas certos fetos desenvolvem rizomas parcialmente aéreos. Certos rizomas, como em várias de capim (gramíneas), servem como órgãos de reprodução vegetativa ou assexuada, desenvolvendo raízes e caules aéreos nos seus nós. Noutros casos, o rizoma pode servir como órgão de reserva de energia, na forma de, tornando-se tuberoso, mas com uma estrutura diferente de um tubérculo.³

Dessa forma, o rizoma apresenta uma rede composta de diversas ramificações que têm a função de conectar-se, romper-se e reconectar-se em si, desenvolvendo uma associação em ramificações antes distintas, e que agora são uma só. Podemos pensar que na adolescência, as amizades podem ser compreendidas como relações rizomáticas. Vejamos algumas características de um rizoma, elaboradas por Deleuze e Guatarri, para que possamos compreender porque as relações entre os jovens podem ser consideradas rizomáticas.

³ Wikipédia *apud* CABRAL e BORGES.

- *Qualquer ponto de rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo.* (DELEUZE e GUATARRI. 1997. p. 15)⁴

Nas relações de amizade, deve-se entender que cada integrante tem o direito de criar novos vínculos de amizade. Quando se tem um grupo de amigos, o adolescente não pode fechar-se para os outros, pelo contrário, ele deve compreender o proveito que terá ao criar novas relações e aumentar assim, seu nível de socialização. Nos grupos de amizade dos adolescentes, temos que entender que todos são amigos de todos.

Então, na amizade, as possibilidades não se encontram em um indivíduo ou no outro, mas sim na relação em si que os dois terão a partir do conhecer-se.

- No rizoma, quando um galho se rompe de outro, um processo de reterritorialização se inicia, o galho rompido começa a se unir com algum outro

galho até que eles se unam de forma que não se saiba que um dos galhos já foi rompido.

Trazendo para a amizade, está novamente relacionada à ação a qual deve-se sempre criar novos vínculos, se alguma amizade passa por problema e se finda, uma nova amizade ou até a mesma deve ser firmada, fazendo com que não se saiba que um dia a amizade se acabou.

Essas relações de amizades *rizomáticas*, ou seja, esses grupos de iguais, são de grande importância, pois, é neles em que o jovem vai inserir suas relações de proximidade ao se desvincularem dos pais. Nessa nova fase se “distanciam” um pouco dos pais e mergulham nas relações rizomáticas que implicam em novas e ricas experiências subjetivas. Vamos inicialmente fazer uma pequena comparação, apesar de na infância também existirem essas relações de amizades, agora algo será diferente, na infância, essas relações eram mais restritas e se davam apenas ao momento de convívio nas brincadeiras, nas escolas ou até na mesma rua e não passava disso. Agora, na adolescência, elas não se deterão ao cotidiano, elas conseguirão se estender ao distanciamento, sem que isso signifique o fim da relação de amizade, ou seja, o adolescente entenderá seu círculo de amizades, quem são, como se comportam, o que gostam de fazer, até mesmo quando não

⁴ *Apud* CABRAL e BORGES. Rizoma: uma introdução à Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia de Deleuze e Guattari. **Revista Critério**.

estiver na presença deles, assim, o jovem está mais maduro e sabe então, articular suas amizades.

As relações amigáveis vão ter um enorme papel no autoconhecimento de cada adolescente, pois ao amigo, o jovem apresenta sentimentos e ações dele mesmo que não diria aos pais, até por se sentir mais à vontade com alguém que é “igual” a ele, e que passa também pelos mesmos sentimentos e ações, essa troca de informação e interesse inicial da amizade vai ser denominado por Hartup (1993 *apud* OLIVA, A. 2004) como *relação de apego horizontal*, que é nada mais que a relação de apego e troca exercida por membros que são geralmente “iguais”, em relação aos acontecimentos presenciados e sentimentos vividos.

E isso faz com que esse adolescente tenha conhecimento de si mesmo, conseguindo assim, ver-se de forma diferente, e modificando suas atitudes nas diferentes situações. Essas relações são necessárias e grandiosas, com isso, Sullivan (1953 *apud* OLIVA, A. 2004, p. 358) propõe que:

[...] ter amigos é um indicador de boas habilidades interpessoais e um sinal de um bom ajustamento psicológico, provavelmente porque os meninos com menos habilidades sociais e com mais problemas psicológicos sofrerão mais rejeição e terão mais dificuldades para estabelecer amizades; contudo, também se poderia pensar na relação inversa, isto é, na qual ter amigos com os quais compartilhar segredos e sentimentos contribui para um melhor ajustamento psicológico.

A presença de um amigo vai ser muito eficaz no enfrentamento de problemas práticos do dia-a-dia como informações sobre as descobertas sexuais, dúvidas de eixo educacional, assim como os mais variados assuntos que possam surgir entre uma roda de amigos. Para o jovem-adolescente, o amigo traz as possibilidades de discutir alternativas dos mais variados conflitos, já que ninguém se comporta igual ao outro, e isso fará com que ele compreenda e absorva todas as informações e atitudes que ele considere favorável na construção da sua identidade.

Mesmo com todos esses “benefícios” de uma amizade para a construção da identidade de um adolescente, com todas as oportunidades e experiências, autores como Bronfenbrenner (1970), Costanzo e Shaw (1966), e Berndt (1989) vão enfatizar os riscos propostos em relações consideravelmente horizontais e igualitárias. Eles trarão como maior problema o bloqueio do estímulo de dizer “não” às atividades propostas pelo grupo, ou seja, eles explicam que logo na fase da adolescência inicial, o jovem tem um bloqueio em negar algo quando está no seu círculo de amigos, assim, se algum amigo o incentiva a experimentar alguma droga ele não vai querer ser o único a dizer não, e assim passar por ridículo.

Só a partir do desenvolvimento da fase para a média e final, é que ele vai conseguir adquirir a autoridade de dar um “não” quando não quiser falar ou fazer algo. O risco da influência de amigos para determinadas atividades é algo que preocupa muito os pais, e gera então um conflito entre o adolescente e seus genitores. Tomemos um exemplo, um filho que se encontra na adolescência inicial começa a se relacionar com amigos da mesma idade, horizontalmente iguais, porém, de culturas e vivências diferentes deste primeiro citado. Seus pais, conhecendo alguns comentários negativos e

presenciando ações indesejadas já feitas pelos amigos do seu filho, têm o receio de que ele faça o mesmo, ou até algo pior, daí pedem ao filho para que ele se distancie desses amigos, mas o adolescente, não enxergando nenhum problema, se revolta com os pais e mais um conflito formou-se dentro de casa.

Não deve ser entendido que a presença de amigos na vida de um adolescente exclui a presença dos seus pais, pondo seus filhos contra eles, jamais, deve-se entender que “[...] pais e amigos não competem entre si, mas representam influências complementares que satisfazem diferentes necessidades do jovem” (OLIVA, A. 2004, p. 360). Até porque a atitude da influência não se deterá sempre a ações negativas, por exemplo, quando os amigos influenciam o jovem a um melhor desenvolvimento acadêmico, ou a alguma atividade de nível de socialização, ou ao tratamento dele com seus pais, aqui a influência é positiva e gratifica a presença dos amigos. Desde Aristóteles, a amizade é considerada o elo maior das relações pessoais, e na adolescência não é diferente, o adolescente encontra em seu amigo um refúgio onde ele se sente inteirado, importante e crê que realmente faz parte de algo importante.

Importante ressaltar que os aspectos do desenvolvimento do adolescente que apresentamos neste capítulo não foram escolhidos aleatoriamente. Sexualidade, família, escola e amigos foram temáticas abordadas por estarem em sintonia com o objeto principal de estudo desse trabalho, o personagem Charlie e os conflitos que enfrenta no decorrer da adolescência em busca do autoconhecimento e da construção identitária.

CAPÍTULO II

CHARLIE E AS VANTAGENS DE SER INVISÍVEL

2.1 Breve história do surgimento do cinema

O cinema surgiu em 28 de dezembro de 1895, em Paris, com a exibição de um filme de 50 segundos que retratava uma cena cotidiana, mas que provocou impacto nos 33 espectadores que se encontravam ali. A partir daí o cinema começou a ser considerado um meio documental para guardar registros das mais variadas sociedades e culturas da época, e assim foi por muitos anos. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o antropólogo Jean Rouch retomou suas pesquisas culturais na África, e como ele necessitava documentar tudo de forma simples e autêntica, ele propôs a conversão daquele aparelho gigantesco e pesado que servia para captação das imagens na criação

do vídeo, em um aparelho menor e mais acessível que pudesse ser transportado para os mais variados lugares (DUARTE. 2006, p. 23-25). Com essa modificação do aparelho gravador, a criação desses novos filmes se deu de forma cada vez mais acelerada, encantando um número cada vez maior de pessoas que apreciavam essa que veio a ser a sétima arte (termo estabelecido por Ricciotto Canudo em “*Manifesto das sete artes*”, em 1912).

No início do século XX, o cinema se corporificou com o chamado *cinema indústria*, que seriam aqueles filmes narrativos que compunham de início, meio e fim bem claros, e na maioria das vezes tinha-se o famoso *happy end* (final feliz, em português). O gosto popular foi tomando forma a partir das novidades e cenas que enchiam os olhos dos espectadores. A esse respeito Rosália Duarte (2006, p. 28) ressalta em seu livro *Cinema & Educação*: “[...] perseguições fantásticas, explosões, carros em alta velocidade, vidros que se quebram, tiros, efeitos especiais e mulheres nuas viriam a se tornar ingredientes fundamentais para atrair o grande público às salas de exibição”. A partir daí o mundo nunca mais foi o mesmo, o cinema encantou a todos e tomou uma proporção que já era esperada pelos atores, produtores e diretores dos filmes que aumentavam cada vez mais esse número de produções cinematográficas.

O maior produtor de filmes do mundo chama-se Bollywood, na Índia com a marca de, em média, 1.100 filmes produzidos anualmente. Em seguida no páreo, aparece Nollywood, indústria cinematográfica da Nigéria, que produz cerca de 1.000 filmes anuais. Em terceiro lugar temos Hollywood com uma média de 650 filmes sendo produzidos por ano. O cinema também se faz presente em um número consideravelmente grande de trabalhos acadêmicos, possibilitando um novo campo de produção de saber que relaciona cinema e educação.

2.2 O cinema vai à sala de aula

O cinema foi e continua sendo um produto de grande interesse e entretenimento para uma grande parte da população. E foi na perspectiva de articular o filme a produção de conhecimento em sala de aula, que a relação cinema e educação começou a ser pensada e inserida no âmbito escolar. No filme, o que vai se tornar dispositivo de aprendizagem é o que Pierre Bourdieu (1979 *apud* DUARTE. 2006, p. 13) vai chamar de “competência para ver”, ou seja, uma ótica analítica que caminha para a construção de identidades cinematográficas, tornando o espectador capaz de compreender e analisar

o que é importante e quais fatores podem ser levados e estudados em outros campos de aprendizagem. Deve-se lembrar que:

[...] essa “competência” não é adquirida apenas vendo filmes; a atmosfera cultural em que as pessoas estão imersas – que inclui, além da experiência escolar, o grau de afinidade que elas mantêm com as artes e a mídia – é o que lhes permite desenvolver determinadas maneiras de lidar com os produtos culturais, incluindo o cinema.

O meio em que o telespectador está inserido vai influenciar de forma considerável o desenvolvimento dessa competência, propiciando que ele a partir de sua subjetividade, selecione as cenas vistas e relacione-as com experiências vividas. O cinema ainda é visto por alguns professores com certo receio porque muitas vezes pode apresentar cenas “inapropriadas”. Porém, como não usar um artifício multimídia em uma época onde o ensino reflexivo é uma meta? Em pleno século XXI, professores dizem exercer uma prática inovadora, porém, muitos se fecham às novas tecnologias e tornam assim, seu discurso desdito. Desde o fim da Segunda Guerra Mundial o cinema retrata a escola e seus diversos conflitos, suas variedades, seus pontos positivos e negativos, mas mesmo assim o embate existe.

Porém, com o incentivo das novas abordagens pedagógicas, os filmes adentraram cada vez mais nas escolas, mas isso não quer dizer que os educadores, muitas vezes, consigam perceber a importância do cinema como estratégia metodológica que favoreça a produção de conhecimento. Na concepção de Rosália Duarte (2006), a exibição de filmes em sala de aula, muitas vezes, está associada apenas a entretenimento e ilustração.

Imersos numa cultura que vê a produção audiovisual como espetáculo de diversão, a maioria de nós, professores, faz uso dos filmes apenas como recurso didático de segunda ordem, ou seja, para “ilustrar”, de forma lúdica e atraente, o saber que acreditamos estar contido em fontes mais confiáveis. (p.87)

Para a autora é preciso compreender que cinema é uma arte, e assim como todas as artes, implica em criação, produção, reflexão. Para um uso apropriado dos filmes em sala de aula, faz-se necessário que o professor compreenda a importância de utilizar filmes como recurso didático. O filme não pode ser utilizado para preencher o tempo em sala de aula, mas como mediador da aprendizagem. Neste sentido, o professor não deve ter como preocupação apenas escolher o filme adequado ao conteúdo que está sendo trabalhado, mas induzir os alunos a pensarem, discutirem, analisando e associando o filme ao conteúdo trabalhado em sala de aula. Em outras palavras, a questão não é

apenas exibir filmes, mas como fazer para que o filme seja um dispositivo que irá mexer com a subjetividade e aprendizagem dos alunos.

Nesse estudo o nosso propósito é analisar o filme *As vantagens de ser invisível*, e na medida em que estivermos analisando a importância da amizade na construção da identidade do personagem, estaremos também mostrando como o conteúdo do filme pode ser debatido proporcionando novas formas de pensar, sentir e perceber o mundo. Já que muitas vezes a ficção copia a realidade, a perspectiva é se apropriar desse mundo fictício para compreender o mundo real em que vivem os adolescentes. Neste aspecto, esse estudo também pretende apontar que dependendo da forma como o filme é concatenado em sala de aula, poderá produzir novas subjetividades.

2.3 Considerações sobre o filme *As vantagens de ser invisível*

As vantagens de ser invisível foi um filme produzido em 2012, pela Mr. Mudd Productions e Summit Entertainment pelos produtores John Malkovich, Lianne Halfon e Russell Smith. Teve como diretor Stephen Chbosky, que é também autor do livro que deu origem ao filme e inicialmente havia sido contratado apenas para escrever o roteiro, mas que por escolha dos produtores tornou-se diretor. Conta com a presença dos atores Logan Lerman como “Charlie”, Emma Watson como “Sam” e Ezra Miller como “Patrick”. Outros atores conhecidos mundialmente também fazem parte do elenco do filme como Erin Wilhelmi (Alice), Mae Whitman (Mary Elizabeth), Paul Rudd (Bill), Nina Dobrev (Candace), Dylan McDermott (Pai), Kate Walsh (Mãe), Melanie Lynskey (Tia Helen) entre outros atores que abrilhantam a trama.

O filme foi aos cinemas no dia 20 de setembro de 2012, porém no Brasil ele só estreou em 19 de outubro de 2012, distribuído pela Paris Filmes. Outra condição relevante de observação seria a trilha sonora do filme, ou seja, as músicas que se fazem presentes na trama. Marcia Carvalho¹ no seu trabalho sobre o “ouvir” analítico no cinema esclarece que:

A linguagem sonora no cinema clássico, desde o modelo de Griffith até os seus subprodutos contemporâneos, é elaborada pelo sincronismo da imagem visual e dos sons. O que consolidou para a dimensão sonora uma espécie de neutralidade, uma maneira de colocar a trilha sonora como uma faceta técnica complementar na confecção do controle da narrativa e de sua recepção. Assim, o fenômeno sonoro no cinema passou a ser predominantemente utilizado de forma a se tornar imperceptível ao espectador.

¹ Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/65388>> Acesso em: 02 de junho de 2015

A música produz um toque especial que intensifica a pureza e realidade de um sentimento, assim, a trilha sonora para um filme é o que completa determinada cena, como foi citado acima. A trilha sonora não deve ser observada como algo separado do roteiro do filme, estão intrinsecamente ligados. A música exerce um papel preponderante na vida psíquica de todo indivíduo, momentos marcantes na vida vem sempre acompanhados de músicas: momentos tristes, momentos felizes, momentos trágicos, momentos marcantes. A trilha sonora do filme aqui abordado traz artistas como *The Samples*, *Dexys Midnight Runners*, *David Bowie* e muitos outros que trazem letras fortes marcando as cenas e emocionando a todos que estão diante da tela.

Em 103 minutos, o filme é um drama que conta, com uma pitada de romance e comédia, a história de Charlie, através das narrações de suas próprias cartas, onde ele mostra seus conflitos e como se desdobra para agir procurando resolvê-los. Ele se apresenta como um jovem tímido e reservado, que recebeu uma carta suicida do seu melhor amigo e não a interpretou a tempo de salvá-lo. Tentando conviver com esse acontecimento, agora no espaço escolar, ele sente-se excluído (ou ele mesmo se isola) e não manifesta qualquer intenção de repúdio a essa “exclusão”, pelo contrário, ele se sente muito bem à vontade de estar sendo considerado “invisível”.

Logo nos primeiros dias de escola, o professor de Literatura Avançada, Bill, parece ser o único que percebe o potencial de Charlie e que lhe dá alguma palavra de conforto sobre esse início de nova fase. Isso muda no momento em que ele encontra Patrick e Sam, dois jovens “loucos” com espíritos aventureiros, que aparentemente são totalmente diferentes de Charlie. Eles parecem gostar de viver “perigosamente” e curtem a vida intensamente, arriscando-se, quebrando tabus e que ainda são meios-irmãos, isso porque o pai de Patrick se casou com a mãe de Sam. Charlie se identifica com Sam e Patrick e eles dão os primeiros passos na construção de uma sólida amizade que se estenderá durante toda a trama.

Assim como todas as amizades, eles também terão suas brigas, suas descobertas, suas experiências, e só então, Charlie consegue superar o trauma da perda o amigo e construir novos laços afetivos que contribuirão para seu amadurecimento e crescimento como pessoa. A partir daí ele começará a viver as mais variadas, e nem sempre positivas, experiências de sua adolescência como o consumo de bebidas e drogas, o conflito do seu primeiro amor, a própria Sam. Charlie vivencia de diferentes formas

esses conflitos que serão importantes nesse processo de transformação de sua forma de pensar, sentir, agir e perceber a si e o mundo.

2.4 O papel dos amigos na construção da identidade

Com base nos aportes teóricos abordados no Capítulo I, analisaremos cenas escolhidas no filme, destacando aquelas em que percebemos a importância da amizade na construção da identidade do protagonista Charlie. As cenas são as mais variadas, e vão desde conflitos de ordem familiar, escolar e com os amigos, até experiências inéditas na vida de Charlie. Iniciaremos então nossas análises a partir do próprio título do filme.

Como o filme foi originalmente produzido nos EUA, recebe o título *The perks of being a wallflower*, que originalmente traduzido significa, *As vantagens de se tomar um chá de cadeira*, diferente do título brasileiro: *As vantagens de ser invisível*. Tanto o termo “invisível”, como a expressão “se tomar um chá de cadeira” já são por si só muito sugestivas e chamam a atenção motivando muitos a assistirem o filme, para compreenderem o porquê desse título. Tendo em vista essa busca do uso de determinada denominação, a informação se faz mais relevante quando se observa que os momentos da trama em que o personagem Charlie é excluído, tornando-se “invisível”, o próprio se encontra sentado. Esse ato pode ser observado em cenas do adolescente tanto na escola, como em alguma festa ou evento, ou mesmo em casa.

O fato pode ser apenas uma coincidência, o que não acreditamos por saber que cada pessoa que trabalha em um filme pensa em cada detalhe a ser exibido na cena. Tudo é milimetricamente planejado para estar ali, então seria essa ação relacionada ao título do filme. Sabe-se também que a expressão “chá de cadeira”, relaciona-se informalmente ao ato de esperar por algo ou alguém, por exemplo, ao se dizer que o dentista deu um *chá de cadeira* nos seus pacientes, quer-se dizer que por algum motivo ele se atrasou e seus pacientes tiveram que ficar esperando. A partir daí podemos relacionar ao fato de Charlie demonstrar que se encontra a espera de uma nova amizade, de um novo começo, de uma nova história. Isso será evidenciado logo em seguida na análise da primeira cena escolhida.

CENA 1 [01:32/02:51]

Charlie está sozinho. Sentado no seu quarto, na mesa de estudos, escreve uma carta, para o seu amigo, falando como foi seu verão, trazendo algumas informações sobre ele próprio, e evidenciando o estresse do primeiro dia de aula sozinho.

Podemos pensar que as cartas que Charlie escreve no decorrer do filme sejam para seu melhor amigo que faleceu, e que ainda não foi citado, porém, informações presentes no discurso dele mesmo ao iniciar a primeira carta, como: “— Não tente adivinhar quem eu sou. [...] Se você me encontrasse, não imaginaria que eu sou o garoto esquisito que estava internado[...]”, deixam evidente que ele não conhece o seu destinatário, mostrando que as cartas são escritas para alguém “desconhecido”, que não é totalmente desconhecido, porque desde o início esse destinatário é tratado com o termo “amigo”. Podemos supor que Charlie inconscientemente, reagindo ao fato de se sentir sozinho para enfrentar os dramas da vida, elege a escrita como amiga e confidente. Em outras palavras, ele faz da escrita um amigo imaginário, e assim se comunica com ele, elucida suas angústias, constrói seus pensamentos e aborda seus desejos.

Outro fato interessante que pode ser observado é avaliação que ele faz da escola, considerada um fardo. Podemos observar que ele teme ir à escola e cria estratégia de defesa para amenizar o sofrimento que é causado ao pensar que o ano escolar está apenas iniciando. Vejamos como o discurso é articulado para minimizar o desconforto:

— Não falei com ninguém que não fosse da minha família o verão todo. Mas amanhã é o primeiro dia no colégio, e eu preciso mudar as coisas. Então eu tenho um plano. Assim que eu pisar na escola, vou visualizar como será até o último dia do curso. Infelizmente, eu contei e isso dá... 1385 dias a partir de agora. Apenas 1385 dias.

Segundo Alfredo Oliva (2004, p. 366) a fase inicial na escola pode refletir na subjetividade do adolescente, já que muitas vezes esse espaço pode resultar “em muitos casos, uma dispersão ou ruptura do grupo de amigos, constituído ao redor da sala de aula ou das atividades desportivas e extraescolares”. O desconforto que Charlie esboça pode ser analisado teoricamente a partir da relação entre o jovem e a família. Conforme foi mencionado no capítulo I, o adolescente, muitas vezes, não interage de forma saudável com seus familiares e isso pode ser um dos problemas que afetam a sua vivência escolar. No caso do filme, um conflito interno causado pela relação de Charlie

com sua tia esclarece o fato da família, mesmo que involuntariamente, estar criando obstáculos para problematizar sua vida.

As características cinematográficas como: alguns momentos no seu discurso manifestado com um tom mais baixo quando se fala da sua relação com a família, ou as poucas cenas em que ele se relaciona com seus pais, são fatos que atestam essa questão do distanciamento da família.

Importante observar a informação que quando Charlie explicita seu “plano” sobre esse primeiro dia de aula ocorre uma mudança de cena, onde ele caminha pelo corredor da escola enquanto os outros alunos comemoram felizes. Esse período se passa em câmera lenta, que na linguagem do cinema, traz evidência para determinada cena e/ou remete a algum flashback ou um acontecimento não real, como um sonho. Já quando ele se dá conta da quantidade de dias que ele passará na escola, a cena é cortada instantaneamente para uma cena em velocidade normal e que retrata alguns alunos “calouros”, ou novatos, sofrendo um tipo de bullying, isso é marcado no discurso logo após as reticências no discurso de Charlie apresentado anteriormente.

A partir daí sua voz é em tom mais baixo, de forma que remete a alguma decepção, o que é visto pelo fato de ele repetir a quantidade de dias, e ainda utilizar-se da palavra “apenas” com o intuito da figura de linguagem ironia. Essa informação vai remeter aquela que se dá a partir do termo “invisível”, ou seja, ele manifesta na sua fala o fato de se encontrar sozinho. Para ele, nesse momento se aproximar de alguém não é uma necessidade extrema já que com a perda do seu melhor amigo, prefere evitar novos laços afetivos. Esse receio leva-nos a supor que o luto pela perda do amigo ainda não foi totalmente elaborado.

Deste modo, ele parece seguir o seguinte raciocínio: se é para perder as pessoas, é melhor manter-se longe delas. Esse pensamento faz sentido ao lembrarmos que Freud no seu livro *O mal-estar na civilização* (1996) diz que as relações com outros seres humanos é uma das maiores fontes de sofrimento psíquico. Assim, com base nessa afirmação de Freud, podemos sugerir que Charlie prefere estar sozinho a relacionar-se e sofrer de alguma forma decepções, perdas, frustrações. Podemos ainda justificar o título do filme “as vantagens de ser invisível”, tendo em vista que para o personagem é mais confortável permanecer no isolamento, na invisibilidade, sem relações. Em outras palavras, Charlie, a partir do suicídio do seu único e melhor amigo, prefere a invisibilidade como modo de vida, prevenindo-se de sofrimento e tensões futuras. Mas

será que ele consegue permanecer nesse campo da invisibilidade? É possível ser feliz no isolamento?

Um fato interessante é que mesmo optando por viver invisivelmente, ele ao mesmo tempo, projeta para sua vida um novo futuro, com pessoas novas e amigos novos, podemos notar isso no conteúdo de suas cartas para o “amigo” e fica perceptível também na cena anterior a sua primeira inserção no filme. Antes de conhecermos o personagem Charlie, somos conduzidos para imagens que retratam o percurso por dentro do túnel Fort Pitt, ao som da música “*Could it be another change?*”, da banda The Samples. Aqui já podemos concatenar essa música com as informações de que Charlie está à procura de um novo começo, a partir do próprio título dela que quer dizer “*Poderia ser uma outra oportunidade?*”. A letra da música retrata a ideia que não podemos amar nada nem ninguém antes de amarmos a nós mesmos. E o túnel seria para ele uma metáfora relacionada à vida que ele não conhece, ao mundo desconhecido e atraente. É evidente que o protagonista se encontra receoso, amedrontado e em conflito.

Charlie ao desejar e, ao mesmo tempo, temer um novo começo, terá que enfrentar algumas complicações em relação aos outros aos quais se relaciona, como veremos na próxima cena.

CENA 2 [03:30/03:44]

No refeitório. Charlie está sentado sozinho em uma mesa em um local isolado e ao almoçar ele observa as pessoas. Ele então inicia uma narração sobre Brad Hays, um atleta do time de futebol americano da escola, que por sinal, era veterano e “popular”.

Apesar de curta, com apenas 14 segundos, a cena se faz congruente com mais um fator que enfada o adolescente na sua entrada à escola. O período escolar presente no filme seria equivalente, no Brasil, à transição da educação fundamental para o ensino médio, e como notada por Alfredo Oliva (2004), essa transição pode ocasionar uma queda na autoestima do adolescente, fazendo com que ele se isole, e conseqüentemente tenha problemas de nível da socialização. Se observarmos o discurso de Charlie, entenderemos melhor o que foi elucidado:

— E tem o Brad Hays. Antes do meu irmão mais velho jogar futebol pela Penn State, ele e Brad jogavam juntos. Então, pensei que talvez ele me

cumprimentasse. Mas Brad é veterano. E eu sou eu. A quem estou querendo enganar?

A queda na autoestima pode ter como uma das causas o fato de o adolescente/aluno se sentir inferiorizado por ser ingressante, e sofrer certa pressão psicológica, sobretudo nas novas relações entre alunos novatos e veteranos, como é exposto na fala acima. Mas, essa não é a única transição implicadora de problemas na vida jovem, esse mesmo conflito poderá ocorrer também na mudança de ano, assim como do ensino médio à universidade. O conflito é particularmente o mesmo, porém o espaço em que ele ocorre é o que modificará determinadas atitudes dos personagens. Aqui analisaremos os conflitos da adolescência e a importância de se construir amigos para superar os problemas e como cada atitude resulta na construção da identidade desse adolescente.

Charlie, até o presente momento (de apresentação das cenas anteriores) estava sozinho. Porém, é em um jogo de futebol americano que ele conhece Patrick e Sam, os dois jovens que serão a partir de agora seus verdadeiros amigos, e que terão forte influência na vida de Charlie. Observemos.

CENA 3 [13:45/14:59]

Em uma lanchonete. Charlie encontra-se sentado numa mesa, e sentados com ele estão Patrick e Sam. Os três conversam alegremente sobre assuntos como música, relacionamentos.

A cena em questão tem um diferencial das analisadas anteriormente, agora Charlie não narra a cena, ele se faz presente nela, e com outros personagens. Patrick e Sam são os mais novos amigos do jovem protagonista, eles tiveram seu primeiro contato em um jogo de futebol americano anterior à cena 3.

É nesta cena que confirmamos a hipótese formulada nesse estudo: a importância das relações de amizade na construção da identidade do adolescente. Aqui Charlie não é mais aquele jovem introvertido, que tem medo de expor sua opinião, ou de ao menos abrir a boca para falar algumas trivialidades que faça alguém rir. É o que diz Papalia e Olds (2000. p. 360) ao falar sobre o adolescente no grupo de amigos, “Uma fonte importante de apoio emocional durante a complexa transição da

adolescência, bem como fonte de pressão para um comportamento que os pais podem deplorar, é o envolvimento cada maior dos jovens com seus amigos”.

É nítida a diferença vista anteriormente na narração do jovem que escreve as cartas. Se fossem tomadas apenas uma cena inicial e essa, claramente se poderia dizer que se tratam de pessoas diferentes. O que vai deixar Charlie à vontade para se “libertar” de certo incômodo seria aquela ideia que é trazido por Alfredo Oliva (2004) de relações com os grupos de iguais, ou seja, de pessoas aproximadamente da mesma idade e que têm interesses em comum, tornando assim o diálogo mais agradável e atrativo para o adolescente.

A metáfora do rizoma⁵ abordada por Deleuze & Guatarri (1997) são relacionadas com as relações de amizade na adolescência. Podemos demonstrar essa relação a partir do novo Charlie que surge a partir da interação com os amigos. Patrick e Sam proporcionam para Charlie uma sensação de ser aceito e fazem crescer nele algo que estava adormecido. Eles apresentam um modo de ser e de viver que concentram as energias ao seu redor e conseguem irradiar essas forças de forma positiva para as suas relações.

Deleuze e Guatarri ressaltaram no livro *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (1997 *apud* CABRAL. BORGES. 2005, p. 3) que “[...] qualquer ponto do rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo”. Neste sentido, trazendo para as relações de amizade, vemos que elas ocorrem horizontalmente, construindo também a imagem de que todos têm o direito de ser amigo de todos, assim como todos têm o direito de relacionar-se com novas pessoas. As relações não serão fechadas, mas se darão de forma expansiva e ramificada assim como rizoma a propagar-se de forma aparentemente desordenada, formando novas conexões, novas experiências, novas sensações.

Incontestavelmente se percebe que a relação com Patrick e Sam ajuda Charlie nesse novo começo, o brilho nos olhos do garoto nesta cena não tinha sido percebido em nenhuma cena anterior. Charlie esquece a antiga proposta de se manter invisível. Agora, a felicidade e realização de uma amizade ultrapassa qualquer autobloqueio que ele _____

⁵ O rizoma pode ser entendido como uma teia repleta de ramificações, que se conectam e reconectam constantemente através de elementos múltiplos e heterogêneos – as máquinas de que é feita a realidade (PARPINELLI, 2005).

estivesse criando. Quem na verdade consegue viver isolado? Viver sem amigos nessa fase tão turbulenta? Ao se falar em amizade, o filósofo romano Cícero na sua obra *A amizade* (2006. p. 39), ressalta:

Graças à amizade, os ausentes tornam-se presentes, os carentes ficam locupletados, os fracos fortalecidos e até, aliás difícil de dizer, os mortos revivem na medida em que se fazem presentes na lembrança e na saudade dos amigos. De uns a morte é vista como algo de feliz e a de outros como digna de louvores.

Para o adolescente, o amigo, em alguns momentos, terá importância e valor maior que qualquer outra pessoa, mesmo que seja alguém até de sua própria família. A citação de Cícero se faz mais coerente quando podemos associar ao amigo suicida de Charlie, que apesar de morto se faz presente de forma muito viva nas suas lembranças. A presença dos amigos é tão importante e gratificante que notaremos as diferenças nas ações e atitudes expressas por Charlie, em algumas de suas aventuras com Patrick e Sam, vejamos.

CENA 4 [17:25/25:36]

No baile dos ex-alunos. Charlie encontra-se sozinho e encostado na parede enquanto Patrick e Sam pegam bebidas. Inicia-se a música Come On Eileen da banda Dexys Midnight Runners. Patrick e Sam começam a fazer uma coreografia louca na qual só o dois conhecem e já haviam ensaiado anteriormente. Ao ver os amigos, Charlie vai aos poucos criando coragem e lentamente se direciona para o centro da pista de dança. Quando o veem, os dois que já dançavam o “arrastam” e os três se divertem dançando loucamente. Em seguida, os três vão para uma festa e lá encontram duas outras amigas, Mary Eizabeth e Alice. Nesta que é a primeira festa de Charlie, ele passa por experiências nunca imaginadas antes como o consumo de drogas, a surpresa em ver o beijo homossexual de Patrick, e falar com alguém sobre o suicídio de seu melhor e único amigo.

Mas uma vez vemos Charlie de uma forma totalmente diferente daquele Charlie das cenas iniciais do filme, novamente se evidencia o grande mérito das amizades de Patrick e Sam. Eles dois fazem bem ao jovem, juntos eles quebram regras, vivem aventuras e produzem alterações no modo de viver dele cuja vida linear e monótona tornava-o infeliz a ponto de querer ser invisível. Quando eles estão juntos é como se as pessoas e o meio que estão à volta deles não importassem.

Na festa, Charlie é apresentado à Mary Elizabeth e Alice, duas amigas que Patrick e Sam já conheciam e que também já se fazem também amigas do protagonista. Em seguida ocorre na festa, a chegada de Brad Hays (retratado na CENA 2 apresentado anteriormente), ex-amigo do irmão de Charlie. Charlie fica surpreso e exprime o seguinte diálogo com as meninas:

Charlie — Aquele é Brad Hays?
Meninas — É, ele vem aqui às vezes.
Charlie — Mas ele é um cara popular.
Meninas — E nós, o que somos?

Está inicialmente presente a imagem construída na cabeça de Charlie das amizades hierárquicas, onde os jovens “populares”, que são aqueles jovens que têm estilo e são conhecidos em todos os círculos de amizades, ou seja, “famosos”, não andam nem frequentam os mesmos lugares de jovens sem certo reconhecimento. Essa ideia cai quando ele é questionado pelas meninas sobre quem realmente é popular. E com o silêncio, Charlie reflete sobre como funcionam as relações de iguais no meio em que vive.

Em seguida observamos como as relações de amizades “abrem portas” para novas oportunidades. Na cena veremos Charlie após consumir maconha pela primeira vez, e estar “chapadão”, liberar todos os seus pensamentos, ideias e experiências. Podemos analisar essa cena tendo como base a teoria do aparelho psíquico de Freud (BOCK et al, 2009). Esse teórico afirma que um dos sistemas que compõe o aparelho mental é denominado de ID. O ID é a instância da mente que se destaca por ser representante do prazer e luta incessantemente impulsionando o indivíduo a ir em busca da realização dos seus desejos, alcançando o prazer, independentemente das regras sociais.

Neste aspecto, vimos que em determinadas cenas do filme é o Id de Charlie que se destaca. Ele não está preocupado com os padrões e as regras sociais. O seu id parece fluir se sobrepondo a outra instância da mente, denominada superego e que é o representante da moral. O superego é a nossa polícia interna que tem como função principal bloquear os impulsos do id e zelar pela conservação das regras sociais (BOCK, 2008).

E é em meio as investidas do id e a liberação dos desejos que Charlie cria coragem para compartilhar a dor da perda do amigo suicida. O seu relato parece

emocionar seus amigos, o que resulta na intensificação da relação. Podemos observar esse fato através do discurso feito por Sam para Charlie no final da cena, vejamos:

— Bem-vindo à turma dos deslocados.

Aqui, Sam usa a palavra “deslocados” ao invés de “descolados” que faria referência a “populares” no sentido de jovens que têm certa consideração nos grupos de iguais. O fato de usar “deslocados” vai intensificar a ideia de que eles vivem intensamente e não se importam com os outros, não querem ser enquadrados no padrão social, nem temem viver novas experiências. O companheirismo necessário de uma real amizade aparece nesse momento. A esse respeito Oliva (2004, p. 357) diz que “[...] repercutirá no fato de que as relações com os amigos estejam marcadas pela reciprocidade e que a partir da adolescência os amigos apoiem e ajudem uns aos outros, mostrando um maior comportamento pró-social”.

A cena seguinte é o momento de concretização da importância das relações de iguais dos adolescentes, vejamos a contribuição dos amigos e o autoconhecimento de Charlie.

CENA 5 [25:37/27:26]

Charlie, Patrick e Sam estão dentro da picape. Em seguida, começa a tocar a música Heroes, de David Bowie, então Sam pede para Patrick ir em direção ao túnel Fort Pitt. Quando Patrick aumenta o som, Sam vai para parte de trás da picape e segue o caminho com os braços abertos ao som da música.

O Túnel Fort Pitt está localizado em Pittsburgh, na Pensilvânia. O túnel foi inaugurado no dia 01 de setembro de 1960, porém em 31 de maio de 2007 uma ameaça de bomba encerrou o Túnel Fort Pitt, juntamente com o Túnel Liberty and Squirrel Hill⁶. A direção à qual os protagonistas vão resulta na ponte Fort Pitt e numa vista da cidade de Pittsburgh.

A música que toca na rádio na cena chama-se *Heroes*, que significa *Heróis*, e gira em torno da ideia de que somos capazes de tudo, de amar, de ser amantes, de sermos reis e rainhas, de poder nadar com os golfinhos e de vencer tudo e todos, e que acima de tudo, _____

⁶Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Fort_Pitt_Tunnel>. Acesso em: 13 de junho de 2015.

podemos ser heróis, mesmo que apenas por um dia. É interessante o fato de dizer que “podemos ser heróis, apenas por um dia”, porque cada dia é um novo dia, então mesmo que tenha dias em que o fracasso se torne vencedor, lembramos que o dia seguinte é outro, e poderemos ser heróis novamente, e então conseguir viver a vida, cada dia diferentemente. É a partir dessa ideia que são baseadas as vidas dos novos amigos de Charlie. Esse fato pode ser observado no discurso de Sam que ao ouvir a música, expressa sua opinião sobre ela:

— Temos que seguir pelo túnel. [...] É a música perfeita.

Assim, destacamos que ao achar a música perfeita, ela passa para parte de trás da picape, abre os braços, e ao sentir o vento, ela imagina toda sua força, e se sente incrível, e capaz de tudo. Charlie por sua vez, fica encantado com Sam e se sente diferentemente especial, e então se inicia o discurso dele e Patrick:

Patrick: — O que foi?
Charlie: — Eu me sinto infinito.

Charlie se sente infinito com a atitude de Sam. Um dos significados de infinito refere-se a algo que não tem limites, ou seja, ele se sente cheio de possibilidades, com novas perspectivas, sem limites, portanto, infinito. Essa informação cabe perfeitamente à definição de rizoma já falada anteriormente que possibilita a nova conexão com qualquer parte da vida, possibilitando o encontro com o desconhecido, com o novo expandindo a potencialidade da vida. Assim, mais uma vez vai ser mostrada a influência positiva que uma amizade pode ter, estimulando e ligando ao novo recomeço que é esperado por Charlie (conforme foi apresentado na CENA 1). A partir daí Charlie passa a imaginar Sam de uma “maneira diferente”, ele sente seu elo com ela cada vez mais forte, e a relação de amizade passa a algo maior, e Charlie inicia-se um estágio de paixão pela garota. Analisemos isso na cena seguinte.

CENA 6 [35:36/36:08]

Na escola. Charlie entrega um novo ensaio para seu professor de Literatura, e ele por sua vez, entrega um novo livro para ser feito outro ensaio. Na saída, inicia-se o seguinte discurso:

Charlie: — Sr. Anderson? Posso perguntar uma coisa?

Sr. Anderson: — Pode.

Charlie: — Por que pessoas legais escolhem pessoas erradas para namorar?

Sr. Anderson: — Está falando de alguém especificamente? Bem... Aceitamos o amor que imaginamos merecer.

Charlie: — É possível mostrar que merecem mais?

Sr. Anderson: — Podemos tentar.

Na curta cena, aparece um novo conflito presente na vida de vários adolescentes, a confusão que há entre a amizade e o amor. Sobre isso Cícero (2006. p. 75-76) vai proferir:

A maioria dos indivíduos, em coisas humanas, nada conhece de bom a menos que seja algo de frutuoso. Assim, amam os amigos tal como gado, já que sempre esperam tirar algum proveito. [...] Isso se evidencia nos animais, nas aves, nos peixes, nas feras e nos animais domésticos. Eles, em primeiro lugar, amam a si mesmos. Aliás, é um instinto que nasce com todo animal. Em seguida, procuram e apetezem os outros de mesmo gênero dos quais se aproximam, sendo que isso eles fazem com modo semelhante ao desejo do amor humano. No homem, isso ocorre de maneira mais impulsiva pela sua natureza, já que, amando a si mesmo, ele procura um outro com cujo ânimo possa integrar-se de sorte a resultar dos dois um só.

Sam vai se tornar a primeira paixão de Charlie, a partir da identificação que ele vai ter com ela. Ele vê nela uma força psicológica e uma coragem a qual ele mesmo tem dentro de si, mas que é oprimida, daí, a partir dessa identificação, desse apreço, ocorre conseqüentemente a paixão. Sabendo disso, constatamos que outro elemento que levará a essa paixão será o fato de ele sentir que Sam já é realmente sua amiga. Pode parecer confuso, mas, a amizade serve de mola propulsora para a iniciação das relações de casal do adolescente, já que “é no contexto do grupo ou da turma mista que os adolescentes começarão a manter seus primeiros encontros” (OLIVA. 2006. p. 361).

Nas cenas podemos ver a importância de uma amizade para a construção da identidade de Charlie, e vemos ainda como a falta dela pode ser comprometedora, imaginemos se um jovem como o protagonista não conhece ninguém como Sam e Patrick? O que seria do seu desenvolvimento? Cheio de conflitos que são naturais do crescimento físico e psicológico do ser humano, e ainda sem “nenhum” apoio concreto, o adolescente se desmoronaria e inviabilizaria seu autoconhecimento e crescimento como ser humano.

Wallon (*apud* MAHONEY, 2000) afirma que “o jovem ama o desconhecido e a novidade, pois atendem melhor a suas necessidades do que os dados da realidade”, deixando-o assim, frágeis. Essa citação do Psicólogo Wallon pode ser relacionada com a trajetória vivenciada pelo personagem no decorrer da trama. Charlie se alia aos amigos e juntos criam forças para encarar a vida e viver intensamente novas experiências, aventuras, inclusive partilhar dores, ansiedades e conflitos. Esse processo produz transformações na forma de pensar, sentir, agir e perceber a si e ao mundo. A amizade favorece o autoconhecimento e assim Charlie vai se definindo e compondo sua forma de ser e existir no mundo. Deste modo, destacamos a importância da amizade na fase da adolescência, pois o jovem vê que

a necessidade de se relacionar com outros jovens, semelhantes a ele surge, portanto, como condição fundamental para a construção de sua personalidade. No grupo o jovem se percebe igual a seus pares, isto é, seu destino é menos pessoal, pois está fortemente submetido as influências e necessidades de seus parceiros. Ao mesmo tempo, começa a se sentir distinto de seus pares, começa a atribuir a si próprio, uma maior autonomia, na medida em que vai diferencia-lo dos outros elementos, permitindo que o jovem se perceba como indivíduo (MAHONEY, 2000, p. 67)

Charlie amadurece com as novas experiências, Patrick e Sam seriam parte de um todo que leva o protagonista a um novo mundo. Como foi citado por Mahoney acima, ele se relaciona com os outros e simultaneamente ocorre uma relação com o seu “eu” real, o Charlie que se encontra dentro dele, e que também é expansivo, alegre, aventureiro, assim como seus dois novos amigos. Se não houvesse Patrick e Sam na vida de Charlie, o novo começo nunca seria alcançado, as mudanças que eles trouxeram foi o que liberou Charlie de seus medos e receios, e ensinou novamente a viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscamos compreender e analisar como a amizade influencia na construção da identidade de um adolescente em conflito. Em *As vantagens de ser invisível*, Charlie, personagem aqui analisado, se constrói a partir da vivência com novos amigos que ele conheceu no ambiente escolar. Ele se encontra em um momento delicado após o suicídio do seu único e melhor amigo, mas é enfrentando seus próprios medos com a ajuda de amigos da escola, que ele nos mostra como se pode construir novos elos e como essas relações “ajudam” em determinados momentos e na construção de um novo recomeço. Cícero (2006. p. 36) ao tentar definir a amizade, elucida:

Realmente, a amizade não é outra coisa senão um acordo benevolente e afetuoso de todas as coisas divinas e humanas. Em razão disso, desconheço se, com exceção da sabedoria, algo de melhor tenha sido dado pelos deuses imortais ao homem. Alguns preferem as riquezas, outros uma boa saúde, outros o poder, outros as honras e muitos os prazeres. Essa última preferência é típica dos animais enquanto aqueles outros são efêmeros, incertos, resultando menos de nossas decisões e mais dos caprichos da sorte.

A partir da relação com Patrick e Sam, é que Charlie vivencia suas novas experiências, oportunidades e descobertas que nunca seriam possíveis se ele tivesse se fechado e negado a se relacionar novamente com os iguais. O adolescente não só vive, mas aprende com suas experiências, é uma via de mão dupla, enquanto ele “toca” o mundo de certa forma, ele também será “tocado”, e esse “toque” é de total importância no seu amadurecimento, para a transformação do modo de ver o mundo, e para a própria reinvenção de si mesmo. Mesmo que as experiências possam parecer inicialmente negativas, também serão importantes para o desenvolvimento do jovem e construção de sua identidade. É importante deixar claro que não é apenas a amizade que participa do processo de construção do adolescente. Família, Escola, Igrejas, Clubes Sociais, dentre outros, são importantes e influenciam substancialmente na identidade do jovem. Nossa ênfase foi sobre a amizade, por termos escolhido essa temática como objeto de estudo.

Observar e analisar os conflitos adolescentes pode parecer inicialmente intimidador e complicado, porém, torna-se muito prazeroso no sentido de favorecer uma

compreensão, sob o olhar da Psicologia, dos conflitos, medos, angústias, alegrias e a luta dos adolescentes na conquista de seu espaço no mundo.

REFERÊNCIAS

AS vantagens de ser invisível. Título Original: *The perks of being a wallflower*. Dirigido por: Stephen Chbosky. Distribuído pela: Mr. Mudd Productions e Summit Entertainment, 2012. 103 min. NTSC, Color. Distribuído no Brasil pela: Paris Filmes.

BOCK, Ana Mercês Bahia. FURTADO, Odair. TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: Uma introdução ao estudo de Psicologia**. – 14ª Edição – São Paulo: Saraiva, 2008.

CABRAL, Cléber. BORGES, Diogo. Rizoma: uma introdução à Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia de Deleuze e Guattari. **Revista Critério**, Disponível em: <<http://www.revista.criterio.nom.br/artigo-rizoma-mil-platos-deleuze-guattari-diogo-borges-cleber-cabral.htm>>.

CARVALHO, Márcia. **A trilha sonora do cinema**: Proposta para um “ouvir” analítico. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/65388>> Acesso em 2 de junho de 2015.

CÍCERO. **A amizade**. Tradução de Luiz Feracine. São Paulo: Editora Escala, 2006.

COLINVAUX, Dominique. LEITE, Luci Banks. DELL’AGLIO, Débora Dalbosco.

COLL, César. MARCHESI, Álvaro. PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação**. Trad. Daisy Vaz de Moraes. – 2ª Edição – Porto Alegre: Artmed, 2004.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. I. São Paulo, Ed. 34. 2004.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. V. São Paulo, Ed. 34. 1997.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. – 2ª Edição – Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ERIKSON, Erik. H. **Identidade: Juventude e crise.** – 2ª Edição – Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

FREUD, Sigmund. **Obras completas O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos.** Vol. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HALL, Calvin S. LINDZEY, Gardner. CAMPBELL, John B. **Teorias da personalidade.** – 4ª Edição – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

MACEDO, Lino de. **Psicologia do Desenvolvimento: reflexões e práticas atuais.** São Paulo: Casa do Psicólogo®, 2006.

MAHONEY, A. A. **Teoria de desenvolvimento de Henri Wallon e indicações para a prática educativa.** Educação em Debate (CESA/UFC), São Paulo, vol. 2, 2000.

OLIVA, A. **Desenvolvimento da personalidade durante a adolescência/Desenvolvimento social durante a adolescência** *In* Desenvolvimento psicológico e educação. Trad. Daisy Vaz de Moraes. – 2ª Edição – Porto Alegre: Artmed, 2004.

PAPALIA, Diane E. OLDS, Sally Wendkos. **Desenvolvimento Humano.** Trad. Daniel Bueno. – 7ª Edição – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica na criança.** Tradução Ana Maria Bessa, Lisboa, 1981.